

CULTURA DIGITAL & FORMAÇÃO DE PROFESSORES: REFLEXÕES ACERCA DO ENSINAR E APRENDER

*Antonio Germano Magalhães Junior
Maria de Lourdes da Silva Neta*

Refletir sobre a formação de professores e cultura digital em uma sociedade em constante transformação, marcada pelas mudanças tecnológicas rápidas e relações sociais impregnadas pelo valor do efêmero (BAUMAN, 2007) e do hedonismo (MAGALHÃES JUNIOR, 2011) constitui o cenário da escrita que se segue. Objetiva refletir sobre a relação entre a cultura digital e a formação de professores, contextualizando e considerando o processo de ensino e aprendizagem. Devo inicialmente caracterizar o professor como um profissional que possui formação específica para o exercício do magistério, vive financeiramente da labuta associada e necessária à docência e exerce a função de professor (LE GOFF, 2003). Início caracterizando para poder auxiliar os leitores na compreensão do que escrevo, procurando ser preciso em relação ao que estou refletindo. Inicialmente, farei definições dos termos que articularei para, posteriormente, enredar o amálgama conceitual com algumas práticas do cotidiano da formação dos professores. Sei dos riscos que os limites de um curto espaço, como uma conferência transformada em parte de um livro, possa ocasionar na necessidade do rigor acadêmico, mas o contexto mencionado permite reflexões e espero que também a estimulação a realização de outras leituras possam ajudar a você, leitor, na reflexão sobre a sociedade em que vivemos.

Acredito que o amálgama conceitual que utilizei fará sentido quando descrevo situações vivenciadas em minha experiência de formando e formador. Hoje sou professor de

uma universidade pública, atuando no ensino de graduação e pós-graduação, na pesquisa e na extensão, mas já atuei em todos os níveis da educação básica e na gestão escolar. Escrevo sobre o que vivi, vivo e acredito que deve ser vivido. Convido os leitores a “olharem para os lados”, visualizando o máximo que podem no espaço da atuação de formar e ser professor.

Para cumprir os objetivos anteriormente apresentados, desenvolverei reflexões considerando a definição acerca do tema cultura digital. Compreendendo que a cultura digital está relacionada com a habilidade de comunicar em linguagem digital, possibilitando a constituição de redes sistêmicas de interação, potencializadas pela existência das redes virtuais. As ferramentas de multimídia conectadas a Internet constituem a realização do alargamento do mundo real em relação à materialização de ações que estavam limitadas e dificultavam a concretização de desejos humanos. Neste “Mundo Novo”, o desenvolvimento das tecnologias se apresenta cotidianamente, não é democratizado a todos e muito serve para separar aqueles que possuem, sabem e podem utilizar, daqueles que passam a ser considerados “marginais”, sendo excluídos e tratados como os que não estão atualizados. As novas mídias podem maximizar os potenciais dos bens e serviços culturais, amplificar os valores que formam o nosso repertório comum e, portanto, a nossa cultura, potencializando a produção cultural, podendo inclusive constituir novas formas de expressão humana. Vivemos em uma sociedade em que não utilizar não é somente escolha por uma forma de viver, mas é condição de muitos que não conseguem adquirir o que é ditado como necessário a uma existência incessantemente marcada pela busca do “sucesso”. Ser sucesso é estar na condição de usabilidade de tudo que é instituído como moderno e atual.

Vivemos numa sociedade que o culto ao prazer se transformou em um modelo de sucesso. Muitas pessoas não conseguem mais conviver com o desgosto. Não estou pregando uma vida masoquista, mas tenho consciência que a existência humana é marcada pelo prazer e pela dor. Como dizem os poetas, não sofreu quem nunca amou. O ser feliz convive cotidianamente com o sofrimento, mas na contemporaneidade a ditadura de ser feliz, de uma forma particular, relacionada com o ter e utilizar tudo que é novo, passou a ser o modelo de verdade (BAUMAN, 2008).

Para melhor compreendermos as relações entre cultura digital e formação de professores devo apresentar outro conceito importante para auxiliar na tarefa proposta. O uso de ferramentas multimídia potencializadas pelas conexões via Internet, são aprimoradas pelo processo da convergência (JENKINS, 2008), reconhecendo o referido processo como a hibridação entre mídias alternativas e de massa que é assistido por múltiplos suportes, caracterizando a era da convergência midiática. Não se trata somente de juntar a funcionalidade de diferentes equipamentos em somente um, mas convergir processos e procedimentos anteriormente executados separadamente. A hibridação e uso integrado potencializaram a comunicação e tudo que é possível através dela. São muitos os conceitos de cultura, mas se compreendermos que se trata do conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade, a ampliação das possibilidades que o “mundo digital” gera a todos que a vivenciam, não somente permite fazer o que se deseja, mas transforma quem faz. A cultura digital é algo dinâmico e está em constante processo de transformação para quem utiliza, apresentando novas possibilidades.

Mesmo concordando com a afirmativa de que algo que não se transforma tende a deixar de existir, devo mediar que a velocidade em que os equipamentos, processos e software ficam obsoletos está causando uma afetação nas relações sociais. Passamos a viver relacionamentos mais efêmeros, não que eles não existissem anteriormente, mas eles passam a ser mais presentes e creditados como modelos de verdade. A frase tão culturalmente vivenciada nos ritos matrimoniais, nos quais se afirmava e acreditava que “somente a morte separava”, passou a conviver com o “ficar”, as pessoas “ficam” com as outras enquanto existir prazer. O descarte do que não serve mais e muitas vezes não compensa consertar, porque é mais caro do que comprar um novo e mais atualizado, se estende para as relações sociais. Descartam-se as amizades quando é constituído um desgosto, muitos acabam seus relacionamentos matrimoniais quando emergem as diferenças, a ausência do prazer constante impede a manutenção da convivência.

Vocês, leitores, devem estar se perguntando o que tudo do que foi mencionado tem relação com formação de professores. A sociedade humana vem vivenciando um crescimento populacional ocasionado pela melhoria das condições de sobrevivência e a necessidade de sermos mais eficientes e eficazes em tudo que fazemos. Utilizar melhor os recursos do planeta possibilitando uma existência mais digna e com igualdade de oportunidades a todos é discurso comum. Se precisarmos ser melhores, devemos nos preparar para enfrentar os desafios que nossos desejos e ideologia estimulam. A formação dos que serão formadores deve ser prioridade em um mundo que precisa ser melhor. Chegamos à importância da formação dos professores.

Não pretendo descrever em detalhes as condições de trabalho dos professores na atualidade, mas devo considerar

que não são iguais em todos os locais e nos diferentes níveis de formação. Os professores do ensino superior estão em melhores condições de trabalho em relação ao tempo para preparação de sua labuta, nas condições de formação, salário e status social em relação aos da educação fundamental. São diferentes realidades que para melhor compreendê-las precisamos melhor descrevê-las. Neste espaço de escrita partirei de uma afirmação que tomo como verdade. Precisamos melhorar as condições de formação, trabalho e salário dos profissionais do magistério para que seja uma carreira atraente, para os que estejam indecisos possam optar a serem professores, cientes de que poderão alcançar as condições de sobrevivência e prestígio de outras carreiras profissionais sem precisar ser exceção quando alguém disser que você “venceu” na vida, mesmo sendo professor. Devo lembrar que acredito que ser “bem-sucedido” não é somente ter dinheiro. Sinto a necessidade de fazer sempre alguns esclarecimentos para evitar mal-entendidos.

Na sociedade em que convivemos com relações sociais efêmeras e convergências nas comunicações, a necessidade de fazermos melhor, para podermos possibilitar condições mais dignas a todos, constituindo verdadeiramente uma cultura do digital em um mundo real, os professores precisam, entre muitas outras coisas importantes, compreenderem, agirem e aprimorarem os processos formativos focando dois grandes desafios: formar pessoas mais autônomas e não priorizarem o ensinar em relação ao aprender.

Quando conversamos com professores antes deles adentrarem cotidianamente nas salas de aula e iniciar o processo de ensino, e perguntamos para onde eles irão, a resposta é quase sempre, “vou dar aula”. Se perguntarmos aos estudantes para onde irão antes do mesmo processo à resposta será normalmente “assistir aula”. Verificamos que a constituição

do discurso apresenta muito a ser refletido. Um local onde alguém dará algo a outro alguém e outros estão cientes que irão assistir o que será dado é, no mínimo, um ambiente de comunicação unidirecional, a preocupação em ensinar é destacada, normalmente valorizando demasiadamente as metodologias e recursos de ensino. Muito se tem estudado e desenvolvido tecnologias relacionadas ao ensino. O que queremos destacar é a importância da preocupação em relação a aprendizagem do que está sendo ensinado. Verifico que muito se comenta sobre novas estratégias, *softwares*, *hardwares*, destinados a potencializar o trabalho dos professores. O investimento em novos equipamentos é uma constante nas instituições de ensino, mas não se tem dado à atenção necessária a aprendizagem dos estudantes, principalmente em relação aqueles que não obtêm o sucesso nos resultados ditos avaliativos. Quando escrevo o termo “ditos avaliativos” é destacando que, na maioria dos casos que venho acompanhando em minha vivência no magistério, o que os professores realizam é processo de verificação, coletam informações em relação a aprendizagem dos estudantes, mas depois somente emitem resultados e não avaliam. Está sendo deixado de realizar procedimentos destinados a sanar e auxiliar na resolução das dificuldades enfrentadas. Avaliar é emitir julgamento de valor, tomar decisões que possibilitem a superação de dificuldades. Vivemos muito mais experiências de verificações do que de avaliações (LUCKESI, 1997), isto demonstra a falta do devido valor ao processo de melhoria da aprendizagem.

Professores preocupados em ensinar mais e melhor, utilizando tecnologias atualizadas e estando inseridos em uma cultura digital, parece ser o modelo de verdade a ser seguido. Venho acompanhando as propagandas de algumas instituições particulares de ensino e muitas estão destacando a utilização de lousas digitais (*smart board*), tabletes e outras

tecnologias disponíveis que potencializem o ensino. Assisti a uma aula nomeada de “modelo” na qual o professor “dava” aula utilizando todo o potencial da lousa digital, um verdadeiro “show”. Os estudantes assistiam admirados àquele ato de ensinar. Eu fiquei pensando se não seria mais importante perguntar mais e afirmar menos no momento das aulas, considerando que normalmente quem mais exercita a constituição do discurso é aquele que mais aprende. Aulas “imersas” no que se acredita ser a vivência da cultura digital. Parece que existem equívocos se considerarmos que o aspecto dialogal, participativo e motivador da autonomia são descritos, pelos teóricos que interpretam o mundo virtual e suas relações com o mundo real, como fundante no mundo da comunicação convergente e digital.

Acredito que não estou relatando nada muito novo e que já se escreveu e falou bastante. Não adianta ter equipamentos de última geração se não mudarmos nossas concepções de ensinar e aprender. Devemos agir muito mais em relação a aprendizagem dos estudantes, auxiliando que eles sejam mais autônomos, que possam constituir sua aprendizagem com o auxílio dos professores e não somente por intermédio deles.

A convergência midiática possibilita fazer os outros escutarem mais o que queremos dizer, opiniões que ficavam restritas a pequenos grupos podem ser disseminadas. A possibilidade de propagar ideias sem necessariamente ter que se submeter a canais “controlados” estimulou a criação e a participação em novos espaços midiáticos. Deixo a definição de “controlados” para vocês, leitores, podendo pensar o que vivenciamos como canais comunicacionais submetidos à censura de diversos tipos e matizes ideológicas.

Formar professores em um mundo convergente, em-volto em um amálgama de real e virtual, desafia instituições

educacionais imbuídas de formar entes que possam intervir na realidade, gerando melhoria das condições de vida em sociedade. São muitos os caminhos possíveis de serem seguidos no processo formativo. As escolhas ideológicas guiam a constituição de práticas formativas que devem ter definidas suas metas e possibilidades. Acredito que formar professores envolve um misto de competências técnicas e escolhas políticas. Não podemos somente ficar formando pessoas com um discurso que nomeamos de politicamente correto se os profissionais não sabem utilizar as ferramentas necessárias a intervir na melhora da sociedade. Tenho vivenciado situações em que professores não sabem elaborar itens para realizar avaliações. Quando fui discutir o assunto com alguns colegas de trabalho, um deles afirmou que a apresentação das técnicas que eu estava realizando era fruto de uma postura “tecnicista”, sendo este termo utilizado de forma pejorativa. Acredito que, para sermos justos e utilizarmos os resultados da recolha de dados feita pelos instrumentos de avaliação, objetivando auxiliar na melhoria da aprendizagem, devemos elaborar instrumentos que possam contribuir com decisões acertadas. Não concordo que utilizar de uma técnica para elaborar um instrumento possa ser definida como algo negativo se estamos realizando para poder aprimorar a aprendizagem, objetivando formar pessoas que possam de forma reflexiva melhorar a sociedade.

A cultura digital está impregnada na sociedade contemporânea. Mesmo que muitos não possam usufruir plenamente das mídias que surgem a cada novo instante, a cobrança e reconhecimento social que é gerado pelo modelo de sucesso instituído, exige aprimoramento do conhecimento e minimamente a informação do que está disponível neste mundo real/virtual. As instituições formadoras necessitam literalmente



abrir suas portas para a convergência com diferentes grupos sociais que estão fora da academia e que são construtores e consumidores de cultura, inclusive a digital. Os ditos intelectuais precisam escutar mais, experimentar e possibilitar modificações objetivando estimular a reflexão sobre o consumo e produção cultural. Uma sociedade descrita como impregnada de características “líquida” (BAUMAN, 2012), onde o efêmero é instituído como modelo, precisa que professores estejam devidamente preparados para auxiliar na melhoria da aprendizagem, estimular a interação, dialogar mais, procurando em suas práticas de ensino perguntar mais e afirmar menos. Não podemos ficar “trancados” nos muros das instituições formadoras enquanto o mundo converge, diverge e se modifica a cada novo instante. Para podermos criticar e formar pessoas reflexivas devemos plugar, reconfigurar, deletar o que não aceitamos, procurar vivenciar as possibilidades que o agora nos apresenta. Não podemos ficar escravos do uso das tecnologias e para isto precisamos literalmente usá-las, em benefício do que acreditamos e defendemos.

Concordando que presenciamos o surgimento de uma nova cultura. Significa que também estamos sujeitos a conviver com os transtornos próprios deste mundo virtual que é real, materializado nas nossas práticas sociais e desejos. A superexposição, a necessidade de sempre adquirir a mais nova tecnologia e o vício em estar sempre conectado, são alguns dos limites/experiências que este mundo virtual/real começa a nos apresentar e desafiar. Não podemos nos entregar a negação do que estamos passando. Não gosto de julgar como melhor ou pior, aquilo que é diferente do que vivi e, muitas vezes, reconheço como certo ou errado. Prefiro, inicialmente, melhor compreender e vivenciar para poder decidir com mais competência.

A formação de professores é um desafio em um país com as características do Brasil. População e território com dimensões continentais, diversidades culturais e níveis de desenvolvimento social e econômico distintos nas diversas regiões do país. Uma população que ainda não alcançou os índices de instrução desejáveis para os desafios de crescimento necessário, tudo isto repercute em índices de resultados que precisam ser bastante melhorados. Os cursos de formação de professor não são atrativos devido à própria condição de trabalho e salários da profissão docente. Devemos possibilitar melhores condições de formação. Lutar por melhorias no exercício profissional docente e ao mesmo tempo ampliar nossas práticas formativas saindo dos muros das instituições formadoras, conhecendo, experimentando e transformando este mundo real/virtual da cultura digital. Podemos fazer mais e melhor se estivermos abertos e reflexivos no exercício de formar professores.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2012.

_____. *Tempos líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2007.

_____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

JENKINS, Henry, *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na idade média*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Olympio, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MAGALHÃES JUNIOR, A. G. Cibercultura e Educação: desafios na formação dos professores/pesquisadores de História. In: VASCONCELOS, Raimundo Elmo de Paula; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério *et al.* *Cultura, educação, espaço e tempo*. Fortaleza: edições UFC, 2011, v. 2, p.684-687.